



DANIEL SILVA

Daniel Silva foi jornalista e trabalhou para a UPI, primeiro em Washington e depois no Cairo, como correspondente para o Médio Oriente. Nesse período cobriu diversos conflitos políticos e a guerra Irão-Iraque. Conheceu a sua mulher, correspondente da NBC, e regressaram aos Estados Unidos, onde Daniel Silva foi produtor da CNN durante vários anos, tendo sido responsável por alguns programas muito populares, como *Crossfire*, *The International Hour* e *The World Today*, entre outros. Em 1997, logo após o êxito do seu primeiro livro, *O Espião Improvável*, Daniel Silva resolveu dedicar-se por completo à escrita, tendo entretanto publicado diversos *best-sellers* mundiais. O *Washington Post* coloca-o «entre os melhores jovens autores norte-americanos de literatura de espionagem» e é com frequência comparado a Graham Greene e a John le Carré. Vive em Washington, D. C., com a mulher e os dois filhos.

O ANJO CAÍDO

DANIEL SILVA

O ANJO CAÍDO

Tradução de
VASCO TELES DE MENEZES

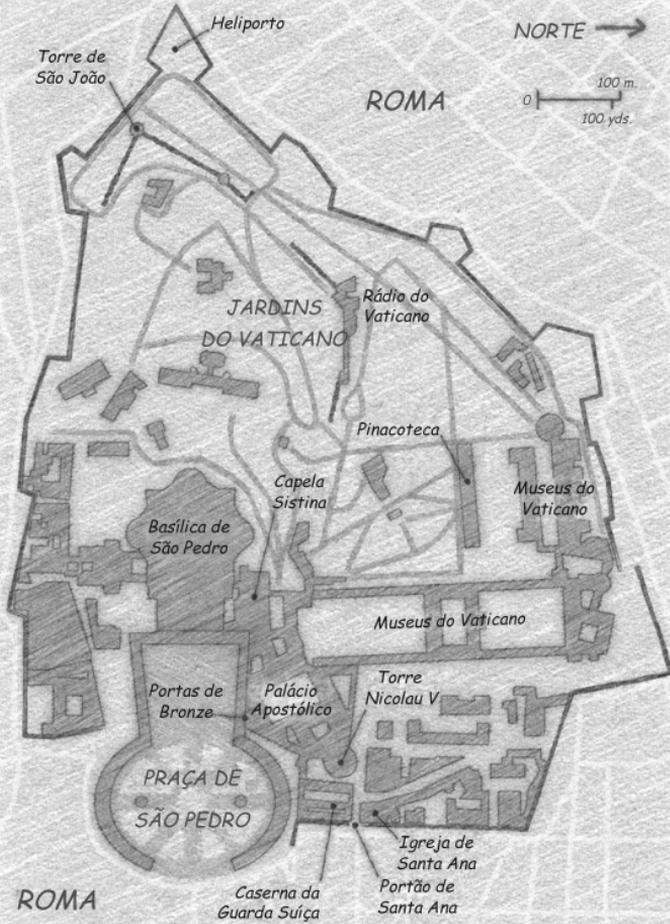


*Para Louis Toscano, que tem estado sempre presente desde o início.
E, como sempre, para a minha mulher, Jamie, e para os meus filhos,
Lily e Nicholas*

*Aconselho-vos a não derramar sangue, retirar
prazer disso e fazer disso um hábito, pois
o sangue nunca dorme.*

SALADINO

CIDADE DO VATICANO



CIDADE VELHA DE JERUSALÉM



PARTE UM

A CIDADE DOS MORTOS

CAPÍTULO

1

CIDADE DO VATICANO

Foi Niccolò Moretti, o curador da Basílica de São Pedro, quem fez a descoberta que deu início a tudo. Eram 6h24, mas, devido a um erro de transcrição inteiramente inocente, o primeiro comunicado oficial do Vaticano indicava 6h42. Foi um de vários lapsos, grandes e pequenos, que levariam a que muitos concluíssem que a Santa Sé queria esconder alguma coisa, o que era de facto o caso. Segundo um dissidente de renome, a Igreja Católica Romana estava apenas a um escândalo de desaparecer para sempre. A última coisa que Sua Santidade precisava naquele momento era de um cadáver no coração sagrado da cristandade.

Um escândalo era a última coisa que Niccolò Moretti esperava encontrar naquela manhã quando chegou ao Vaticano uma hora mais cedo do que o habitual. Com as suas calças escuras e um casaco cinzento que lhe dava pelo joelho, mal se via enquanto atravessava a praça às escuras, a caminho dos degraus da basílica. Olhando de relance para a direita, viu as luzes acesas nas janelas do terceiro andar do Palácio Apostólico. Sua Santidade, o papa Paulo VII, já estava acordado. Moretti interrogou-se se o Santo Padre teria sequer dormido. Fervilhavam pelo Vaticano rumores de que o papa sofria de uma grave crise de insónia, de que passava

a maioria das noites a escrever no gabinete privado ou a passear sozinho nos jardins. O curador já tinha visto isso acontecer. Mais tarde ou mais cedo, deixavam todos de conseguir dormir.

Moretti ouviu vozes atrás de si e, ao virar-se, viu dois padres da Cúria materializarem-se no meio da escuridão. Iam numa conversa animada e não lhe prestaram atenção, avançando na direção das Portas de Bronze e diluindo-se uma vez mais nas sombras. As crianças de Roma chamavam-lhes *bagarozzi* — escaravelhos pretos. Moretti tinha utilizado a palavra uma vez em criança e sido repreendido por nem mais nem menos do que o papa Pio XII. Nunca mais a dissera. Quando uma pessoa é censurada pelo Vigário de Cristo, pensava ele agora, raramente repete a mesma ofensa.

Subiu os degraus da basílica e entrou no pórtico. Cinco portas davam para a nave. Estavam todas fechadas, menos a mais à esquerda, a Porta da Morte. À entrada, estava o padre Jacobo, um clérigo mexicano com aspeto macilento e cabelo grisalho que parecia palha. Afastou-se para que Moretti pudesse entrar e, a seguir, fechou a porta e baixou a pesada tranca.

— Volto às sete para deixar entrar os teus homens — disse o padre. — Tem cuidado lá em cima, Niccolò. Já foste mais novo.

O padre retirou-se. Moretti molhou os dedos na água benta e benzeu-se antes de se dirigir para o centro da vasta nave. Ao passo que outros poderiam ter parado para uma contemplação reverencial, Moretti não se deteve, avançando com a familiaridade de um homem que entra na própria casa. Na qualidade de chefe dos *sampietrini*, os curadores oficiais da basílica, havia já vinte e sete anos que ali entrava de

manhã, seis vezes por semana. Era por causa de Moretti e dos seus homens que a basílica resplandecia com a luz celeste enquanto as outras grandes igrejas da Europa pareciam envoltas na escuridão para todo o sempre. Moretti considerava-se não só um servo do papado, mas também um parceiro naquela obra. Os papas tinham a seu cargo mil milhões de almas católicas, mas era Niccolò Moretti quem cuidava da imponente basílica que simbolizava o seu poder terreno. Conhecia cada centímetro quadrado do edifício, do cume da cúpula de Miguel Ângelo às profundezas da cripta — ao todo, quarenta e quatro altares, vinte e sete capelas, oitocentas colunas, quatrocentas estátuas e trezentas janelas. Sabia quais as partes rachadas e aquelas em que entrava água. Sabia quando a basílica se sentia bem e quando estava a sofrer. Quando a basílica falava, sussurrava ao ouvido de Niccolò Moretti.

A Basílica de São Pedro tinha o condão de encolher os meros mortais, e Moretti, ao dirigir-se para o Altar Papal com o casaco cinzento do uniforme, lembrava extraordinariamente um dedal de carne e osso. Fez uma genuflexão diante da capela Confessio e, então, ergueu a cabeça e olhou para cima. Elevando-se a quase trinta metros de altura, estava o baldaquino, quatro colunas helicoidais de bronze e ouro coroadas por um majestoso dossel. Nessa manhã, encontrava-se parcialmente tapado por um andaime de alumínio. A obra-prima de Bernini, com as suas figuras ornamentadas e ramos de oliveira e loureiro, era um íman para o pó e o fumo. Todos os anos, na semana anterior ao início da Quaresma, Moretti e os seus homens limpavam-na meticulosamente. O Vaticano era um local de rituais intemporais e havia também um ritual na limpeza do baldaquino. Imposto

pelo próprio Moretti, traduzia-se na obrigação de ser sempre ele o primeiro a subir ao andaime assim que este estivesse colocado. A vista do topo apenas tinha sido experimentada por um punhado de pessoas — e Niccolò Moretti, enquanto chefe dos *sampietrini*, exigia o privilégio de a contemplar primeiro.

Subiu ao pináculo da coluna da frente e a seguir, depois de prender o cabo de segurança, avançou de gatas, a pouco e pouco, pela inclinação do dossel. No cume máximo do baldaquino, encontrava-se uma esfera sustentada por quatro traves e coroada por uma cruz. Era este o ponto mais sagrado da Igreja Católica Romana, o eixo vertical que ia precisamente do centro da cúpula até ao Túmulo de São Pedro. Representava a ideia exata na qual se fundava a obra. *És Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja*. Quando os primeiros raios de sol crepusculares iluminaram o interior da basílica, Moretti, fiel servo dos papas, quase conseguiu sentir o dedo de Deus a tocar-lhe ao de leve no ombro.

Como habitualmente, perdeu a noção do tempo. Mais tarde, quando a polícia do Vaticano o interrogou, foi incapaz de se recordar do tempo exato que tinha estado no cimo do baldaquino antes de ver pela primeira vez o objeto. Do ponto de vista elevado de Moretti, parecia ser um pássaro com uma asa partida. Partiu do princípio de que seria qualquer coisa inocente, um oleado abandonado por outro *sampietrino* ou talvez um cachecol que um turista tivesse deixado cair. Estavam sempre a perder objetos pessoais, pensou Moretti, incluindo coisas muito pouco adequadas numa igreja.

Independentemente disso, a situação tinha de ser investigada, pelo que Moretti, quebrado o fascínio, deu meia-volta

com cuidado e fez a longa descida até ao chão. Avançou pelo transepto, mas, após alguns passos, apercebeu-se de que o objeto não era de todo um cachecol ou oleado que ali tivesse ficado. Ao aproximar-se, viu o sangue seco no mármore sagrado da sua basílica e os olhos que fitavam a cúpula, cegamente, como as suas quatrocentas estátuas.

— Deus do Céu — murmurou, apressando-se pela nave. — Por favor, tende piedade desta pobre alma.

A opinião pública pouco viria a saber dos acontecimentos que se seguiram à descoberta feita por Niccolò Moretti, já que se desenrolaram na mais estrita tradição do Vaticano, em completo segredo e com um toque de astúcia jesuíta. Ninguém exterior ao Vaticano saberia, por exemplo, que a primeira pessoa que Moretti procurou foi o cardeal que administrava a basílica, um rigoroso alemão de Colónia com um instinto aguçado de autopreservação. O cardeal já era suficientemente experiente para reconhecer um problema quando deparava com ele, o que explicou a razão pela qual não se deu ao trabalho de comunicar o incidente à polícia, preferindo antes convocar o verdadeiro guardião da lei dentro do Vaticano.

Consequentemente, cinco minutos mais tarde, Niccolò Moretti testemunharia uma cena extraordinária — o secretário pessoal de Sua Santidade, o papa Paulo VII, a remexer nos bolsos de uma mulher morta no chão da basílica. O monsenhor retirou um único objeto e, a seguir, dirigiu-se para o Palácio Apostólico. Quando chegou ao escritório, já se tinha resolvido por um plano de ação. Haveria duas investigações, decidiu, uma para consumo público, outra para

si próprio. E, para que a investigação privada fosse bem-sucedida, teria de ser levada a cabo por uma pessoa de confiança e discrição. Sem surpresa, o monsenhor escolheu para seu investigador um homem muito parecido consigo. Um anjo caído vestido de negro. Um pecador na cidade dos santos.